

## Metodologia de Análise de Conteúdos – AC e *Grounded Theory*

### Análise de Conteúdos

No período da 2ª Guerra Mundial as ciências sociais ganham espaço estratégico, principalmente, nos Estados Unidos. O objetivo era tentar avançarem técnicas com potencial de apoio à inteligência militar. Nessa perspectiva, a Análise de Conteúdo – simbólica – ganha expressão, principalmente, por meio das pesquisas de Harold Lasswell<sup>2</sup>, Bernard Berelson<sup>3</sup> e Paul Lazarsfeld, dando início à uma área de pesquisa específica.

O método permite a aproximação do pesquisador em situações onde não cabem outros tipos de abordagem, seja pela **complexidade**, seja pela sofisticação do campo.

O método da Análise de Conteúdo (AC), por suas características de caráter sutil – atuando, fortemente, na dimensão do intangível – pressupõe uma grande habilidade do pesquisador para planejar e conduzir o processo. Essa organização prática tem início a partir da construção de uma **pergunta**, que, somada às características da complexidade do campo, vão servir de orientação na condução das demais etapas.

Para Bardin (2011, p. 50), a AC “visa o (sic) conhecimento de variáveis de ordem psicológica, sociológica, histórica etc., por meio de um mecanismo de dedução com base em indicadores reconstruídos a partir de uma amostra de mensagens particulares”. A AC vai lidar, então, com a interação com algum tipo de comunicação a ser estabelecida com determinado(s) ator(es), em determinado campo. Como coloca Bardin (2011, p. 95) é a partir do registro destas “significações produzidas pelas pessoas, deixando escapar o latente, o original, o estrutural (...)”, que se torna viável a construção de uma narrativa capaz de promover a melhor compreensão de um contexto.

---

<sup>1</sup> Como citar: REIS FILHO, Paulo. Metodologia de Análise de Conteúdos – AC e *Grounded Theory*. Artigos Técnicos. Laboratório de Cenários da Agência UFRJ de Inovação. Ano.2. Vol.11, 2018. Disponível em: [http://www.inovacao.ufrj.br/images/vol\\_11\\_metodologia\\_analise\\_de\\_conteudo\\_ac\\_grounded\\_theory\\_2018](http://www.inovacao.ufrj.br/images/vol_11_metodologia_analise_de_conteudo_ac_grounded_theory_2018).

<sup>2</sup> *Propaganda in the World War*, 1927.

<sup>3</sup> *Content Analysis in Communication Research*, 1952.

Esta interação de caráter analítico pode ser, assim, associada à códigos de características semióticas distintas: linguística (escrito ou oral); icônico (sinais, grafismos e imagens), outras tipologias semióticas não linguísticas (manifestações ritualísticas, conjuntos de objetos, códigos cromáticos, olfativos, gestuais, etc. (BARDIN, 2011).

O processo pressupõe etapas de imersão inicial, com o objetivo de observar o tipo de complexidade e as características fundamentais daquele campo – o objetivo é desenvolver capacidades para melhor compreender os atores, suas dinâmicas de interação e as variáveis que compõem o campo. Bardin (1977) elenca diretrizes críticas à serem seguidas nas investigações, como base de orientação à construção de quadros analíticos:

- exclusão mútua – ‘Esta condição estipula que cada elemento não pode existir em mais de uma divisão’
- homogeneidade – ‘O princípio de exclusão mútua depende da homogeneidade das categorias. Um único princípio de classificação deve governar a sua organização’
- pertinência – ‘uma categoria é considerada pertinente quando está adaptada ao material de análise escolhido, e quando pertence ao quadro teórico definido’
- objetividade e a fidelidade – ‘As diferentes partes de um mesmo material, ao qual se aplica a mesma grelha categorial, devem ser codificadas da mesma maneira, mesmo quando submetida a várias análises’
- produtividade – ‘Um conjunto de categorias é produtivo se fornece resultados férteis: férteis em índices de inferências, em hipóteses novas e em dados exactos’ (BARDIN, 1977, p.120-121)

A sistematização dos processos da AC tem como objetivo a apreensão de uma determinada realidade – ora visível e tangível, ora escondida em ‘subtextos’ e intangível. A partir de Berelson (1984); Bardin (1977); Minayo (2007) e Franco (2008), desenhamos as seguintes etapas estruturantes:

1) Imersão e <b>Pré-análise</b> – Contato
2) Especificação das Temáticas para Explorar – Contato
3) Formulação de Hipóteses, Pressupostos e <b>Codificações</b> – <i>Corpus</i>
4) Determinação, Delimitação e <b>Categorização</b> de Investigação – <i>Corpus</i>
5) Foco e Adequação aos Objetivos Especificados – <i>Corpus</i>
6) Estabelecimento de Critérios e Indicadores – <i>Corpus</i>
7) Recortes Textuais Relevantes – <i>Corpus</i>
8) Interação e Registro – Campo
9) Codificações e Dados Quantitativos – Campo

10) Aprofundamento e Imersão nos Textos – Campo
11) Exploração do Material e Codificação – Registro
12) Identificação de Atores, Palavras, Expressões, Temas e Fatos – Registro
13) Mapeamento de Expressões e Significados – Registro
14) Formas de <b>Inferências e Interpretações</b> – Organização
15) Estruturação e Tratamento dos Resultados Obtidos – Organização
16) Sistematização e Interpretação dos Resultados – Análise
17) Classificação e Agregação dos Dados – Análise
18) Achados e Novas Pistas - Análise

Vale realçar as observações de Dellagnelo e Silva (2005), a seguir, que refletindo sobre os apontamentos de Bardin, destacam elementos que vão auxiliar a compreensão da etapa de categorização:

(...) os critérios de categorização podem ser: - semânticos (categorias temáticas: por exemplo, os elementos que refletem ansiedade serão agrupados em uma categoria ansiedade; os elementos que refletem valores individualistas serão agrupados em uma categoria individualismo); - sintéticos (verbos, adjetivos, advérbios, etc.); - léxico (ordenamento interno das orações); - expressivos (por exemplo, categorias que classificam os problemas de linguagem) DELLAGNELO e SILVA (2005, p.112)

No âmbito das pesquisas qualitativas, a forma como se conduz a análise de dados é o ponto mais crítico. Nesse processo, é necessário expor uma visão multidimensional sobre determinado conjunto 'recortado' de coleta – *corpus*, uma vez que o conteúdo expresso pelos atores/produtores trazem, embutidos, significados múltiplos – polissêmicos. É desta forma, como coloca Minayo (2007) que o conteúdo qualitativo pode proporcionar uma forma de compreensão mais profunda, acerca das associações e inter-relações entre os distintos elementos expressos.

O acesso a diversos conteúdos, explícitos ou não, presentes em um texto, sejam eles expressos na axiologia subjacente ao texto analisado; implicação do contexto político nos discursos; exploração da moralidade de dada época; análise das representações sociais sobre determinado objeto; inconsciente coletivo em determinado tema; repertório semântico ou sintático de determinado grupo social ou profissional; análise da comunicação cotidiana seja ela verbal ou escrita, entre outros (OLIVEIRA, 2008 p.570)

Então, como posto por Bardin (2007) a Análise de Conteúdo (AC) se compõe de uma série de técnicas que se somam e complementam, com o objetivo de descrever o conteúdo expresso durante os processos de interação. A técnica se utiliza de um

conjunto de procedimentos sistemáticos que devem proporcionar o levantamento de indicadores – qualitativos ou quantitativos – com o objetivo de permitir a realização de inferências sobre os dados.

### **Grounded Theory**

Glaser e Strauss (1967) elaboraram a teoria, numa perspectiva de elaborar *constructos* a partir de uma sequência de dados potencialmente indutivos. Dessa forma, o conhecimento surgiria a partir de uma elaboração híbrida entre os dados emergentes e as visões teóricas existentes – buscando o aprendizado a partir dos dados. Para tanto estruturaram um processo de análise intensa, comparação constante e codificação sistemática:

Primeiramente o pesquisador compara as entrevistas (ou outros dados) objetivando a emergência da teoria. Os resultados da comparação são codificados (*coding*), identificando categorias (equivalente a temas) e suas propriedades (sub-categorias). Ao codificar, certas proposições teóricas ocorrem. Elas podem ser relacionamentos entre as categorias ou sobre a categoria central do estudo. Com o emergir de outras categorias e propriedades, o relacionamento destas com a categoria central provê a teoria. Durante esse processo, quando as idéias e insights ocorrem, o pesquisador faz anotações para si mesmo sobre as categorias e propriedades e os relacionamentos entre elas. Essas anotações são chamadas de memo. (PETRINI & POZZEBON, 2009, p. 3)

O processo segue etapas que podem ser estruturadas como a seguir:

Fase de Desenho da Pesquisa
<ul style="list-style-type: none"><li>• Revisão de literatura - definição da questão de pesquisa;</li><li>• Seleção de casos - amostra teórica, não aleatória;</li></ul>
Fase da Coleta de Dados
<ul style="list-style-type: none"><li>• Coleta no campo - documentação, pré-análise e ajustes;</li><li>• Coleta na bancada - definição dos protocolos;</li></ul>
Fase de ordenação de Dados
<ul style="list-style-type: none"><li>• Organização - colocar em ordem cronológica;</li></ul>
Fase de Análise de dados
<ul style="list-style-type: none"><li>• Análise crítica - conceitos de <i>coding</i> e <i>memo</i>;</li><li>• Nova amostragem - replicação teórico/prática;</li><li>• Fechamento - etapa conclusiva;</li></ul>
Fase de Comparação de Literatura
<ul style="list-style-type: none"><li>• Confrontação - comparações com referências existentes (PANDIT, 1996);</li></ul>

A *Grounded Theory* tem como um dos fundamentos principais, a simultaneidade com a qual ocorrem os processos de coleta e análise dos dados de determinado campo social. A metodologia tem como objetivo a geração de *constructos* teóricos, capazes de promover o entendimento da dinâmica do campo, em uma trajetória como segue:

Strauss e Corbin (1991) estabeleceram procedimentos de coleta e análise de dados com base no 'modelo de paradigma', o qual se sustentaria nos seguintes elementos:

• Condições Causais – conjunto de eventos que envolvem um fenômeno;
• Fenômeno – evento central e sua rede de interação relacionais;
• Contexto – especificidades das condições causais fenômeno;
• Condições intervenientes – fatores e atores que atuam facilitando ou restringindo na dinâmica contextual;
• Estratégias de ação-interação – estratégias de ação que os indivíduos utilizam para lidar com o fenômeno / contexto (verbos);
• Consequências – resultados ou expectativas da ação-interação em relação ao fenômeno.

O método guarda uma estrutura conceitual bastante semelhante aos procedimentos da Análise de Conteúdo, uma vez que tem como base a interação com o universo simbólico que o campo vai oferecer; e a disponibilidade em ser flexível para conhecer a realidade, por meio da apreensão dos significados de um dado contexto. Dessa forma, um método pode se mesclar com o outro, de forma bastante fluida e complementar.

### **O Caderno de Campo**

Franz Boas e Bronislaw Malinowski seriam os pensadores precursores do trabalho de campo na antropologia. A ferramenta do Diário de Campo é uma das bases do método etnográfico.

Além de ser utilizado como instrumento reflexivo para o pesquisador, o gênero diário é, em geral, utilizado como forma de conhecer o vivido dos atores pesquisados, quando a problemática da pesquisa aponta para a apreensão dos significados que os atores sociais dão à situação vivida. O diário é um dispositivo na investigação, pelo seu caráter subjetivo, intimista (MACEDO, 2010, p. 134)

Com base na imersão profunda e interação continuada, possibilita registros de todas as ordens, durante os processos de observação direta. Se utiliza de métodos variados para (d)escrever as práticas culturais observadas, como a coleta de dados, registros de áudio, de vídeo, desenhos, croquis e quadros sinóticos.

(...) as notas de campo consistem em dois tipos de materiais. O primeiro é descritivo, em que a preocupação é captar uma imagem por palavras do local, pessoas, ações e conversas observadas. O outro é reflexivo – a parte que apreende mais o ponto de vista do observador, as ideias e preocupações (BOGDAN; BIKLEN, 1994, p. 152)

O Caderno de Campo é uma ferramenta que possibilita descrever as atividades, do grupo e do contexto em observação. A partir da interação e associação entre os achados, feitos por pontes conceituais - similaridades, lógicas, simbologias, hierarquias - serve como condição essencial para promover a descrição da totalidade investigada. Como aponta Geertz (2008, p.13) “uma boa interpretação de qualquer coisa – um poema, uma pessoa, uma estória, um ritual, uma instituição, uma sociedade – leva-nos ao cerne do que nos propomos interpretar”.

Abordando a utilização dos quadros sinóticos, uma forma de sofisticar a articulação entre os elementos levantados é a abordagem mutliperspectiva que a lógica do *mindmap* pode oferecer. Os mapas mentais são representações gráficas e conceituais que buscam expressar as heurísticas de nosso processo cognitivo. A ferramenta, desenvolvida por Tony Buzan, na década de 1970, foi, fortemente, baseada nos estudos de aprendizagem significativa de David Ausubel<sup>4</sup>, da década de 1960. Farrand; Hussain; Hennessy (2002) expõem argumentos que demonstram a eficiência dos mapas mentais no auxílio aos processos de aprendizagem.

Um mapa mental é uma ferramenta de planificação e de anotação de informações de forma não linear, ou seja, em forma de teia ou rede. Isto significa que a ideia principal é formalmente colocada no centro e as ideias associadas são descritas apenas com palavras-chave e ilustradas opcionalmente com imagens, ícones e cores variadas (MARQUES, 2008, p. 36)

### **Trabalhando com Especialistas**

Quando se pesquisa metodologias que envolvem a participação de especialistas, invariavelmente aparece a importância e consistência do Método Delphi.

O método tem com base a seleção de especialistas que se aproximam, de alguma forma, com o contexto da investigação.

Com características exploratórias, o Método Delphi busca estratégias de encontrar consenso. Foi desenvolvida para ser aplicado em projetos industriais e militares, no entanto, mostrou-se eficiente em distintos campos por facilitar, promover e estruturar processos de comunicação entre de atores e grupos. Assim, de acordo com os estudos de Linstone & Turoff, 1975; Clayton, 1997; Van Zolingen & Klaassen, 2003; Landeta, 2006; Hsu & Standford, 2007; Skulmoski, Hartman & Krahn, 2007; e Antunes, 2014, o método pode ser direcionado para alcançar resultados em distintas áreas do conhecimento, como a seguir:

• coletar dados pouco disponíveis;
• alcançar dados pouco acessíveis;
• estruturar o entendimento contextual;
• identificar e examinar significados;
• planejar e avaliar a alocação de recursos;
• explorar opções para planos de ação;

<sup>4</sup> AUSUBEL, D.P. Educational Psychology: A Cognitive View. New York, Holt, Rinehart and Winston, 1968.

• planejar estruturas, sistemas e modelos;
• apontar forças e fraquezas;
• apontar o desenvolvimento causal de eventos;
• apontar inter-relações entre atores e fatores;
• relacionar entes sociais e econômicos de um contexto;
• entender motivações sociais.

Grant (1997) aponta que o desenvolvimento da interação com o especialista, possa também, ter o objetivo de esclarecimento de determinadas nuances do contexto.

Neste caso, a abordagem metodológica estará dando conta de um processo de simetria comunicacional e ajuste ou adaptação cultural, assegurando, assim, como aponta Guillemin (1995) que o resultado seja totalmente compreensível – em suas equivalências semânticas, conceituais e vivenciais.

Para Berk (1990) a interação com cada especialista deveria atender a duas dimensões distintas: especificando o domínio que envolve a escolha daquele sujeito; e como se deu o desenvolvimento do estudo, no determinado campo. Assim, a partir de LYNN (1986); GRANT & DAVIS (1997); TILDEN; NELSON; & MAY (1990); DAVIS (1992); McGILTON (2003); e RUBIO; BERG-WEGER; TEBB; LEE; & RAUCH (2003), seguem sugestões de tópicos estruturantes:

• explicar porque o indivíduo foi escolhido como especialista;
• oferecer espaço para o especialista fazer comentários;
• declarar a relevância dos conceitos envolvidos;
• evidenciar a relevância do instrumento como um todo;
• estabelecer o objetivo do estudo e descrição do instrumento – sua codificação, pontuação e interpretação;
• pontuar as definições conceituais do processo – bases conceituais e teóricas do instrumento;
• organizar as informações sobre o contexto e os atores envolvidos;
• delimitar a abrangência e consistência do instrumento – domínio ou conceito;
• expressar adequadamente o escopo do estudo – clareza, representatividade e pertinência;
• gerar mapas de equivalência semântica – significado das palavras;
• gerar mapas de equivalência idiomática – expressões coloquiais;
• gerar mapas experienciais – coerentes com o contexto cultural;

Os estudos aqui sistematizados tem como objetivo dar suporte ao desenvolvimento de pesquisas de caráter qualitativo exploratório, de campo onde o acesso não óbvio, seja por sua complexidade, seja pela dificuldade física, seja pelo distanciamento contextual ou cultural. O interesse principal está na abordagem dos indivíduos e de suas interações, ou seja, na articulação e troca de saberes e perspectivas de vida entre o investigador/observador e os atores/observadores locais.

## Referências

- ANTUNES, M. Técnica Delphi: metodologia para pesquisas em educação no Brasil. Rev. Educ. PUC-Camp., Campinas, 19(1):63-71, jan./abr., 2014.
- BARDIN, L. Análise de conteúdo. Lisboa: Edições 70 Ltda, 1977/2011.
- BARTHES, R. Introdução à análise estrutural da narrativa. In: BARTHES, R; GREIMAS, A. J.; BREMOND, C.; ECO, H.; RITTI, J; MORIN, V.; METZ, C.; TODOROV, T.; GENETTE, G. Análise estrutural da narrativa. Petrópolis: Vozes, 2008.
- BERELSON, B. *Content analysis in communication research*. New York: Hafner; 1984.
- BERGER, P. L.; LUCKMANN, T. A construção social da realidade. Petrópolis: Vozes, 2003.
- BERK, R. *Importance of expert judgment in content-related validity evidence*. West J Nurs Res, 1990; 12(5):659-671.
- BERNAT, I. Encontros com o griot Sotigui Kouyaté. R.J.: Ed. Pallas, 2013.
- BOGDAN, Robert C.; BIKLEN, Sari, K. Investigação qualitativa em educação. Tradução Maria J. Alvarez, Sara Bahia dos Santos e Telmo M. Baptista. Porto, Portugal: Porto Editora, LDA, 1994.
- BOSI, E. Memória e Sociedade – lembranças de velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- BOSI, Ecléa. Cultura de massa e cultura popular: leituras de operárias. 12. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- CLANDININ, J.; CONELLY, M. Pesquisa narrativa: experiências e história na pesquisa qualitativa. Tradução: Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores ILEEL/UFU. Uberlândia: EDUFU, 2011.
- CLAYTON, M. Delphi: A technique to harness expert opinion for critical decision-making tasks in education. Educational Psychology, v.17, n.4, p.373-386, 1997.
- CZARNIAWSKA, B; GAGLIARDI P. *Narratives we organize by*. Amsterdam: John Benjamins Pub.Co., 2003.
- DAVIS, L. *Instrument review: getting the most from a panel of experts*. Appl Nurs Res, 1992; 5(4):194-197.
- DELLAGNELO, E.; SILVA, R. Análise de conteúdo e sua aplicação em pesquisa na administração. In: VIEIRA, Marcelo Milano Falcão; ZOUAIN, Deborah Moraes (Org.). Pesquisa qualitativa em administração: teoria e prática. Rio de Janeiro: FGV, 2005.
- FARRAND, P.; HUSSAIN, F.; HENNESSY, E. *The efficacy of the “mind map” study technique*. Medical Education, v. 36, n. 5, p. 426–431. Disponível em: <<http://onlinelibrarywileycom.ez54.periodicoscapes.gov.br/doi/10.1046/j.1365-2923.2002.01205.x/abstract>>. Acesso em: mar. 2016.
- FRANCO, M. Análise de conteúdo. 3. ed. Brasília: Liber Livro, 2008.
- GEERTZ, C. A Interpretação das Culturas. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1989 / 2008.
- GIBBS, G. Análise de dados qualitativos. POA: Bookman: Artmed, 2009.
- GIL, A. Como elaborar projetos de pesquisa. 5. ed. SP: Atlas, 2010.



- GLASER, B.; STRAUSS, A. *The Discovery of Grounded Theory*, Chicago: Aldine, 1967.
- GONZÁLES REY, F. *Pesquisa qualitativa em psicologia : caminhos e desafios*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.
- GRANT, J.; DAVIS, L. *Selection and use of content experts for instrument development*. *Res Nurs Health*1997; 20(3):269-274.
- GUILLEMIN, F. *Cross-cultural adaptation and validation of health status measures*. *Scand J Rheumatol*, 1995; 24(2):61-63.
- HAMPÂTÉ BÂ, A. *Il n'y a pas de petite querelle*. Paris: Stock, 1999.
- HSU, C.; STANFORD, B. The Delphi technique: Making sense of consensus. *Practical Assessment, Research & Evaluation*, v.12, n.10, p.1-8, 2007.
- KOUYATÉ, S. Práticas para a escuta, a comunicação e a sensibilidade. Palestra e Workshop. SESC Consolação - S.P., 11 a 14 de dezembro 2006. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=sJd1te\\_3pjl](https://www.youtube.com/watch?v=sJd1te_3pjl).
- KRIPPENDORFF, K. *Content analysis: an introduction to its methodology*. 3. ed. Los Angeles: California: SAGE, 2013.
- LANDETA, J. Current validity of the Delphi method in social sciences. *Technological Forecasting & Social Change*, v.73, n.5,p.467-482, 2006.
- LE VEM, M. *et al.* História oral de vida: o instante da entrevista. *In: VON SIMSON, O., (org.)*. Os Desafios contemporâneos de história oral-1996. Campinas: Publicações CMU/Unicamp, 1997.
- LEITE, F. A questão da palavra em sociedades negro-africanas. *In: Democracia e diversidade humana: Desafio contemporâneo*. SECNEB, Salvador, Bahia, 1992.
- LINSTONE, H.; TUROFF, M. (Ed.). *The Delphi method: Techniques and applications*. Reading, MA: Addison-Wesley, 1975.
- LYNN, M. *Determination and quantification of content validity*. *Nurs Res*, 1986; 35(6):382-385.
- MACEDO, Roberto Sidnei. *Etnopesquisa crítica/etnopesquisa-formação*. Brasília:LiberLivro 2010.
- MARQUES, A. Utilização pedagógica de mapas mentais e de mapas conceituais. 2008. 153 f. Dissertação (Mestrado em Expressão Gráfica, Cor e Imagem) – Universidade Aberta de Portugal, Lisboa, 2008. Disponível em: <<http://repositorioaberto.uab.pt/handle/10400.2/1259>>.
- MCGILTON, K. *Development and psychometric evaluation of supportive leadership scales*. *Can J Nurs Res*, 2003; 35(4):72-86.
- MINAYO, M.C.S. *O Desafio do Conhecimento: Pesquisa Qualitativa em Saúde*. 10. ed. São Paulo: HUCITEC, 2007.
- OLIVEIRA, D., *Análise de Conteúdo Temático-Categorial: Uma proposta de sistematização*. *Rev. Enferm. UERJ*, Rio de Janeiro, 2008 out/ dez; 16(4):569-76.
- PACHECO, L. *Pedagogia Griô- A reinvenção da roda da vida*. 2ª Edição. Grãos de luz e Griô. Lençóis-Bahia, 2006.
- PANDIT, N. *The Creation of Theory: a Recent Application of the Grounded Theory Method*, *The Qualitative Report*, 2, 4, 1996.
- PENTLAND, B. *Building process theory from narrative: from description to explanation*. *Academy of management review*. v. 24, n. 4, 1999.

- PETRINI, M. & POZZEBON, M. Usando Grounded Theory na Construção de Modelos Teóricos. Revista Gestão e Planejamento. Salvador, V.10, N°.1, p.1-18, jan./jun. 2009.
- RUBIO, D.; BERG-WEGER, M.; TEBB, S.; LEE, S.; RAUCH, S. *Objectifying content validity: conducting a content validity study in social work research*. Soc Work Res, 2003; 27(2):94-105.
- SANTOS, M. *Economia espacial: críticas e alternativas*. São Paulo: Hucitec, 1979b.
- SANTOS, M. *Espaço e sociedade*. Editora Vozes, Petrópolis, 1979c.
- SANTOS, M. *O espaço dividido*. Rio de Janeiro: Livraria Editora Francisco Alves, 1979a.
- SKULMOSKI, G.; HARTMAN, F.; KRAHN, J. The Delphi method for graduate research. Journal of Information Technology Education, v.6, n.1, p.1-21, 2007.
- STRAUSS, A.; CORBIN, J. *Basics of qualitative research: grounded theory - procedures and techniques*. California: Sage Publication, 1991.
- TILDEN, V.; NELSON, C.; MAY, B. Use of qualitative methods to enhance content validity. Nurs Res, 1990; 39(3):172-175.
- VAN ZOLINGEN, S.; KLAASSEN, C. Selection processes in a Delphi study about key qualifications in senior secondary vocational education. Technological Forecasting & Social Change, v.70, n.4, p.317-340, 2003.
- WENGER, E. *Comunidades de prática: aprendizagem, significado e identidade*. Barcelona: Paidós, 1998.